

# Roriz cai,

■ BRASÍLIA. Começou ontem o processo de depuração do Senado, que está sob fogo cruzado desde que o presidente da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL), foi acusado de ter despesas pessoais pagas por uma empreiteira. À noite, o senador Joaquim Roriz (PMDB-DF) renunciou ao mandato para fugir de um processo de cassação e da possibilidade de perda dos direitos políticos por oito anos.

Governador do Distrito Federal quatro vezes, Roriz não resistiu às denúncias de corrupção. Caiu na esteira de uma nova acusação, depois de ter os calcanhares fustigados pelo Ministério Público por quase uma década. Em seu lugar, assumirá Gim Argello (PMDB), ex-deputado distrital e ex-presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

A decisão não tende a beneficiar o protagonis-

ta do escândalo político da hora. Líderes de partido voltaram a negociar nos bastidores o nome do sucessor de Renan na presidência. Como favorito na banca de aposta desponta Gerson Camata (ES). É integrante da bancada do PMDB, o que garante respeito à tradição, que reserva o posto ao maior partido. Discreto, agrada aos governistas e aos oposicionistas, por ser uma espécie de meio-termo.

As articulações não demovem Renan, que mantém-se firme na disposição de não "arredar pé" do comando do Congresso. Ontem, o senador emplacou um aliado na comissão tripartite que relatará o processo que pesa sobre seus ombros. Não conseguiu, no entanto, livrar-se da obrigação de depor no Conselho de Ética da Casa.

GEORGE GIANNI/29.03.2005



Com a decisão, Roriz (E) livrou-se do risco de perder os direitos políticos, que ainda ronda Renan (D)

## ■ Saída para não enfrentar investigação

Vasconcelo Quadros

■ BRASÍLIA. Para se livrar de um processo de cassação e do risco de perder os direitos políticos por oito anos, o senador Joaquim Roriz (PMDB-DF) renunciou ontem ao mandato. Suspeito de participar do rateio de R\$ 2,2 milhões obtidos por meio de corrupção, Roriz será substituído pelo primeiro suplente, Gim Argello (PMDB), ex-presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, a não ser que o convença – e ao segundo suplente – a renunciar também, o que levaria à realização de nova eleição para senador no DF.

"A gente de Brasília, os humildes aos quais nunca faltei, o povo enfim, haverá de me entender", é um dos trechos da carta de renúncia de Roriz, lida ontem à noite, em plenário, pelo colega de partido Mão Santa (PI). "Todos me farão justiça. Tenho plena convicção". Quatro vezes governador do Distrito Federal e com 40 anos de vida pública, Roriz debitou na conta do corregedor do Senado, Romeu Tuma (DEM-SP), a renúncia.

Disse que foi prejudicado pelo colega: "condenou-me publicamente pela imprensa". E negou envolvimento com a quadrilha desbaratada pela Operação Aquarela da Polícia Civil do DF. "Meu alento está em que o Ministério

Público fez questão de ressaltar que os fatos a mim imputados não guardam relação com a malfadada Operação Aquarela."

Em conversas gravadas pela polícia, o senador aparenta negociar a divisão de R\$ 2,2 milhões com o ex-presidente do Banco Regional de Brasília (BRB) Tarcísio Franklin de Moura, preso na operação. Alegou se tratar de um empréstimo do dono da Gol, Nenê Constantino, que serviria para a compra de uma novilha por R\$ 300 mil. A diferença de

### Renúncia dos dois suplentes pode provocar uma nova eleição no Distrito Federal

valor, conforme Roriz, teria sido devolvida ao empresário. A versão não convenceu, entre outros, porque o cheque era do Banco do Brasil e foi sacado no BRB apesar de o dono da Gol não ter conta no banco.

Sem contar, é claro, a disparidade entre a quantia pedida em empréstimo e o valor liberado. A situação de Roriz se complicou ontem à tarde depois que Tuma recebeu da 1ª Vara da Justiça Federal do Distrito Federal documentos e dois CDs com novos

diálogos envolvendo o colega em supostas irregularidades. Segundo o Ministério Público e a polícia, o o cheque seria parte de uma propina paga ao grupo de Roriz, devido à transação de um terreno público quando o senador era governador.

– A posição dele é grave, muito desconfortável – disse Tuma ontem à tarde.

O corregedor encaminhou novo ofício à Justiça Federal solicitando outros três CDs, cujo teor está sob segredo de Justiça, mas que teriam revelações bombásticas envolvendo um grupo de políticos e empresários do Distrito Federal. Antes de se tornar conhecida a decisão de Roriz, Tuma reclamou com colegas, em conversas reservadas, sobre uma suposta pressão para restringir as investigações, mas avisou que não se sujeitaria.

Disse que faria um levantamento amplo para montar o que chamou de "mosaico" sobre todas as suspeitas que envolvem Roriz e que teriam importância num eventual processo pela cassação do peemedebista.

– Alguém andou falando para apurar só os casos em que houver cuspe ou tapa na cara. Vou escrever sobre tudo o que eu tomar conhecimento.

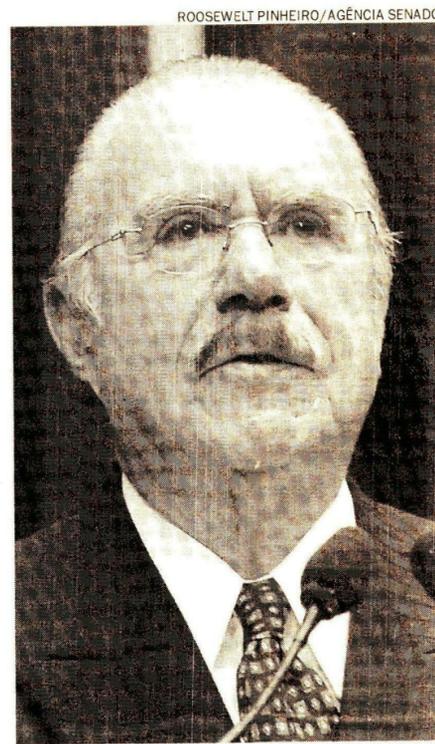
■ Leia e opine no **JB Online**. [www.jb.com.br/24horas](http://www.jb.com.br/24horas)

# Renan balança

ontem, dia em que os líderes de partido retomaram as conversas sobre a sucessão de Renan



Camata é favorecido por baixa rejeição na Casa



Preferido por Lula, Sarney teria forte resistência

“Camata é um nome, mas prefiro nem falar mais nada porque senão já vão dizer que estou pleiteando o cargo.”

José Agripino Mala, líder do DEM no Senado

“O próximo presidente da Casa, caso ocorram novas eleições, nem pode ser muito alinhado a Renan nem muito distante do Planalto.”

Jefferson Peres, líder do PDT no Senado

## ■ Camata ganha força na sucessão do Senado

Sérgio Pardellas

■ BRASÍLIA. Ganha força no Senado o nome do senador Gerson Camata (PMDB-ES) para substituir o presidente da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL), a cada dia mais desgastado no comando do Congresso. De perfil discreto, Camata evita tratar do assunto – ao menos abertamente – enquanto a situação de Renan não é resolvida de forma definitiva. O nome dele, no entanto, já conta com o apoio de senadores influentes dos quatro maiores partidos do Senado – PMDB, DEM, PSDB e PT.

O Palácio do Planalto também vê a possibilidade com bons olhos, pois entende que o senador José Sarney (PMDB-AP) – o preferido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva – enfrenta resistências, sobretudo na oposição. Assim como Roseana Sarney (PMDB-MA). Três líderes de partido – um governista e dois de oposição – consultados ontem pelo **JB** disseram que, na hipótese do afastamento de Renan e convocação de novas eleições, Camata é um forte candidato a assumir a presidência da Casa.

Por diversas razões. Primeiro, já há quase um consenso de que o caminho natural é que o eventual sucessor seja do PMDB – legenda com a maior bancada no Senado. O PT já controla a Câmara e a oposição, avaliam os lí-

deres, não teria votos suficientes para fazer o substituto de Renan, embora o PSDB e o DEM almejem a cadeira de presidente.

– Camata é um nome mas prefiro nem falar mais nada porque senão já vão dizer que estou pleiteando o cargo – disse, ontem, o líder do DEM no Senado, José Agripino Maia (RN). – Estou fora disso.

Além de ser bem aceito no Planalto e no PMDB, também pesaria a favor de Camata, segundo os líderes, a baixa rejeição ao seu no-

### Consenso na base aliada é o de que o nome deve sair da bancada peemedebista

me. Camata não teria, por exemplo, o trânsito de Sarney entre as bancadas e blocos partidários. Mas, em momentos de crise, ponderam os senadores mais experientes na Casa, vale mais sofrer nenhuma ou pouca objeção, o que se enquadra ao perfil do senador eleito no Espírito Santo.

Outro ponto a favor de Camata: no PMDB, é uma espécie de coluna do meio. Nem integra a tropa de choque de Renan, o que lhe rende votos na oposição, nem assume a linha independente, como os senadores Pedro Simon

(RS) e Jarbas Vasconcelos (PE), razão pela qual ganha adeptos entre os governistas.

– O próximo presidente da Casa, caso ocorram novas eleições, nem pode ser muito alinhado a Renan nem muito distante do Planalto – declarou o líder do PDT, senador Jefferson Peres (AM).

Uma outra opção considerada no PMDB é a do senador Garibaldi Alves (RN). Também seria bem aceito por partidos de oposição. Mas sua atuação como relator da CPI dos Bingos, ano passado, desagradou ao governo, o que praticamente inviabiliza seu nome. Garibaldi ainda teria resistência no PSB, de quem é adversário no Rio Grande do Norte, Estado governado pela socialista Wilma Faria.

O assunto sucessão já vinha sendo abordado de maneira discreta nos corredores do Senado há duas semanas, conforme antecipou o **Jornal do Brasil**. Mas ganhou fôlego nos últimos dias com o recrudescimento da pressão para que Renan deixe o posto.

Na terça-feira, além do DEM, mais três partidos defenderam a saída temporária do peemedebista da presidência – PSDB, PSOL e PDT. Atualmente, segundo levantamento publicado ontem por este jornal, pelo menos 48 dos 81 senadores são favoráveis à licença enquanto transcorrerem as investigações contra Renan no Conselho de Ética da Casa.

## ■ Idas e voltas no Congresso Nacional

Nos últimos anos, os sucessivos escândalos de envolvimento de parlamentares com corrupção causaram várias baixas no Congresso Nacional. Mas os que renunciam ganham a chance de serem reeleitos pelo povo e, às vezes, voltam.

Foi o caso de Valdemar da Costa Neto e Paulo Rocha, citados no episódio do mensalão por receberem propina do esquema do publicitário mineiro Marcos Valério. Rocha renunciou em outubro de 2005, e se reelegeram no ano passado, com 117.275 votos, pelo PT do Pará.

Valdemar, à época presidente do PL, havia renunciado em agosto, por constar na lista de sacadores da conta do esquema no Banco Rural. Valdemar recebeu R\$ 10,8 milhões, a que se referiu como “pagamento de dívidas de campanha”. Voltou à Câmara com 104.157 votos em São Paulo, pelo mesmo partido.

Em 2001, a violação do sigilo do painel eletrônico de votação que cassou Luiz Estêvão (PMDB-DF) causou duas renúncias no Senado. Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), acusado de mandar violar o painel, cumpriu sua promessa do discurso de despedida e voltou à Casa menos de dois anos depois, reeleito com 2.995.559 votos.

## ■ Conselho define três relatores

■ BRASÍLIA. Depois de um dia de muita negociação, o Conselho de Ética do Senado chegou, no início da noite de ontem, a um consenso sobre a comissão de três relatores para o processo contra o presidente da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL), por suposta quebra de decoro parlamentar.

A comissão tripartite será formada por Renato Casagrande (PSB-ES), Marisa Serrano (PSDB-MS) e Almeida Lima (PMDB-SE). Hoje, o presidente do conselho, Leomar Quintanilha (PMDB-TO), já fará uma reunião com os novos relatores para definir o cronograma de trabalho. Em seguida, todos irão à Polícia Federal a fim de solicitar o aprofundamento da perícia nos documentos apresentados por Renan em sua defesa.

Com a escolha dos três novos relatores, o presidente do Senado deve ser convidado a prestar depoimento a fim de apresentar sua versão para a denúncia de que teria sido contra pessoas bancadas pelo lobista Cláudio Gontijo, da empreiteira Mendes Júnior.

– A ideia é ouvir o presidente do Senado, aprofundar a perícia e concluir o relatório do caso – disse Casagrande.

O acordo foi fechado após uma

reunião de líderes partidários no gabinete do senador Aloizio Mercadante (PT-SP). A demora para o acerto decorreu da resistência da oposição em aceitar que Almeida Lima integrasse a comissão, a quem caberá, a partir de agora, conduzir as investigações. Lima tem sido um dos principais defensores de Renan.

Durante o dia, o PMDB apresentou ainda o nome do Gilvam Borges (PMDB-AP). Mas o nome de Borges também não tinha consenso pelo fato de ele também integrar a tropa de choque de Renan. Sem alternativa, a oposição acabou digerindo o nome de Almeida Lima.

Logo depois de renunciar, foi recebido com festa e manifestações de apoio em Salvador.

O outro envolvido na fraude era José Roberto Arruda (PSDB-DF), então líder do governo na Casa. Arruda chegou a se desfiliar do partido tucano antes de renunciar. Foi para o PFL de ACM, conseguiu uma cadeira na Câmara nas eleições do ano seguinte (324.248 votos) e emendou o mandato de deputado com o de governador do Distrito Federal.

Presidente do Senado na ocasião – sucedendo a ACM – Jader Barbalho (PMDB-PA) foi um dos incentivadores do processo que culminou com a saída do parlamentar baiano.

Mas o adversário político do pefelista acabou tendo o mesmo destino meses depois. Apontado como integrante de um esquema que desviou verbas da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam).

Sem mandato, Jader chegou a ser preso pela Polícia Federal em 2002, em Belém, mas foi libertado por força de habeas corpus e conseguiu disputar as eleições para deputado federal, voltando à vida pública com a maior votação de seu estado (344.018 eleitores).

Jader Barbalho ocupa o cargo na Câmara até hoje, e, devido ao foro privilegiado, responde a cinco processos por desvio de dinheiro público no Supremo Tribunal Federal (STF). Ele é um dos que defendem publicamente o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), acusado de quebra de decoro.

## Um dos integrantes da comissão, Casagrande diz que Renan terá que depor no colegiado

Pela manhã, Renan atribuiu as pressões para afastá-lo da presidência do Senado a setores da imprensa. Segundo o peemedebista, parte da imprensa, que não conseguiu derrubar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições do ano passado, quer agora “ir à forra”.

– Se a mídia perderam a guerra com o presidente Lula, não conseguiram derrotá-lo no primeiro e no segundo turno e querem, agora, um terceiro turno. Mas para isso precisam de um crime. Essa crise é artificial. O que há contra mim? Não há uma prova sequer – disse.